



AO SERVIÇO DA RAINHA DO MUNDO

# « AO SERVIÇO DA RAINHA DO MUNDO »

Publicação de COR UNUM — Movimento dos Apóstolos do Coração Imaculado de Maria para a difusão da Mensagem de Fátima.

2.<sup>a</sup> SÉRIE - ANO V - N.º 28 - SETEMBRO/OUTUBRO, 1976

Comp. e Impresso Editora Pax - Braga	Director e Editor P. Olavo Teixeira	Proprietário M. Teixeira	Redacção e Administração Casa de Nazaré — Carapeços Minho II
---	--	-----------------------------	--

## *Sumário*

À sombra da Virgem do Equilíbrio . . . . .	1
Súplica . . . . .	12
A Voz do Papa . . . . .	13
O Purgatório sobre a terra . . . . .	15
Felicidade na renúncia . . . . .	19
Liturgia e Vida Cristã — 1976 . . . . .	25
Este Padre tinha duas almas . . . . .	30

A Revista ao Serviço da Rainha do Mundo e o Caderno Marial serão publicados de 2 em 2 meses alternadamente.

Delegação em Lisboa:  
R. João de Deus, 9 - 4.º - Dto.  
LISBOA - 2

### Condições de assinatura anual:

Revista e Caderno	80\$00
Só Revista	50\$00

«TUDO PELA GRANDÍSSIMA GLÓRIA DO NOSSO PAI CELESTE EM JESUS CRISTO, NOSSO SENHOR: POR SEU DIVINO ESPÍRITO E EM UNIÃO COM O SANTÍSSIMO CORAÇÃO DE MARIA» (V. P. Libermann)

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

# À sombra da Virgem do Equilíbrio

*Se a realeza de Maria encontra um símbolo perfeitamente apropriado na «accies ordinata» (exército em ordem de batalha), certamente ninguém pensará em qualquer intenção belicosa, mas unicamente na força do espírito que admiramos em grau heróico na Virgem, e que procede da consciência de trabalhar validamente pela ordem de Deus no mundo.*

(Pio XII)

## 1. Na expressão da oração se manifesta a nossa Fé

Sobre a minha mesa de trabalho, uma pagela com uma oração. Tem por título: NOSSA SENHORA DO EQUILÍBRIO. Veio mesmo a propósito, quando já tínhamos passado longas horas a elaborar este trabalho que agora apresentamos, precisamente com o título que está a encabeçá-lo. Começamos então por reproduzir a dita oração que, se me não engano, se costuma recitar em alguns Cursos do Mundo Melhor.

*Virgem Mãe de Deus e dos homens, Maria, concedei-nos o DOM DO EQUILÍBRIO CRISTÃO, tão necessário à Igreja e ao mundo de hoje.*

*Livrai-nos do mal e da nossa mesquinhez; salvai-nos tanto de compromissos como de condenáveis conformismos;*

*purificai o nosso espírito de todos os mitos e ilusões, do desânimo e do orgulho, da timidez e da auto-suficiência, da ignorância e da presunção, do erro e da pureza do coração.*

*Concedei-nos tenacidade no esforço, calma nas derrotas, humildade nos sucessos, coragem para recomeçar.*

*Abri os nossos corações à santidade. Dai-nos a perfeita simplicidade, um coração puro, o amor da verdade e do que é verdadeiramente essencial, constância no esforço, sem cálculos de espécie alguma, lealdade em reconhecer e respeitar as próprias limitações.*

*Concedei-nos o dom da oração e a graça de saber acolher e fazer frutificar a Palavra do Senhor.*

*Abri os nossos corações a Deus.*

*Concedei-nos o amor à Santa Igreja, tal como Jesus, Vosso Filho, a quis, para que nela e com ela, em fraternal comunhão com todos os membros do Povo de Deus — Hierarquia e Fiéis — possamos participar da salvação dos nossos irmãos. Infundi em nossos corações compreensão, respeito, misericórdia e amor para com todos os homens.*

*Abri os nossos corações ao amor sincero para com todos.*

*Conservai-nos constantes no esforço de viver e de aumentar este equilíbrio, que é fé e esperança, bom senso e rectidão, espírito de iniciativa e prudência, abertura e interioridade, doação total, amor sem reservas.*

*Santa Maria, Mãe de Deus e dos homens, entrego-me confiadamente à Vossa ternura e maternal protecção. Amén.*

Virgem do Equilíbrio. Virgem do Bom senso. Virgem da Discrição. Não estamos muito afeitos a tais títulos nas nossas habituais Ladainhas de Nossa Senhora. Conhecemos me-

lhor e saboreamos mais os de Virgem Prudentíssima, Forte e Suave: Rosa Mística e Torre inexpugnável.

## 2. À busca do Norte

Não deixa, no entanto, de ser muito útil e salutar fazer incidir a nossa atenção e reflexão sobre este tema, numa hora em que se nos impõe ter muito claro onde está o Norte, para não nos sentirmos esmagados pelas múltiplas influências do ambiente que nos rodeia. O confucionismo que estamos a viver nos mais diversos campos chega a afectar profundamente a Moral, a Religião e a Educação. Têm um ângulo muito largo as oscilações da consciência cristã, em virtude dos misteriosos magnetismos sociais que nos despolarizam e nos desviam da linha de rota que o *senso cristão* nos traça e o *espírito cristão* nos faz percorrer. Os aparentemente insignificantes desvios da agulha magnética da Fé, se cada dia não nos dermos ao trabalho de fazer o ponto de situação e atender à devida correcção, podem levar-nos muito longe da «via real» que é a dos caminheiros do Infinito e peregrinos do Reino, tirando-nos aquela unidade de governo dentro do nosso ser íntimo, lá onde nasce a nossa personalidade com toda a floração de opções, decisões e compromissos e toda a gama de expressões da nossa capacidade de amar e ser amados, lá onde foi enxertada pelo Espírito Glorioso a Fé, «raiz, início e fundamento da nossa justificação».

Pois bem. Se o NORTE é o SENHOR JESUS CRISTO, morto e ressuscitado por todos os homens, aos quais oferece pelo Espírito a luz e a força para poderem corresponder à sua altíssima vocação (G. S. 10), a Divina Bússola é a Fidelíssima Virgem Maria, pois «a humilde Serva do Senhor é toda relativa a Deus e a Cristo, único Mediador e Reden-

*tor nosso» (Paulo VI). Longe de ser fim em si mesma, diz o mesmo Pontífice, a devoção a Maria é, ao contrário, meio essencialmente ordenado a orientar as almas para Cristo, e assim uni-las ao Pai, no amor do Espírito Santo».*

NORTE DIVINO! — «A Igreja acredita que a chave, o centro e o fim de toda a história humana se encontra no seu Senhor e Mestre» (G.S.10).

E «todo aquele que segue a Cristo — Homem perfeito — torna-se ele mesmo mais homem» (G.S.41,1). Eis um axioma fundamental que comanda toda a experiência cristã. Isto que se dá com todos os discípulos de Cristo deu-se de um modo singular e eminente na perfeita discipula do Senhor que foi a prudentíssima e fidelíssima Maria de Nazaré, Mãe do Senhor.

Tudo nEla era equilibrado em todo o pormenor da sua vida. Virgem simplicíssima, não havia nEla nada de exagerado, nada de desordenado, nada de desmesurado ou descomedido na sua conduta de sempre. Virgem da Serenidade (representada em Roma sob este título por uma Senhora a fiar na roca) em tudo era assistida, guiada e dirigida por «Aquele que atinge de uma extremidade à outra, forte e suavemente; com peso, número e medida» (Sab. 8.1). Virgem da Discrição, Ela mostrava um raro e exacto sentido do equilíbrio, da justa medida, do a-propósito, do que sempre convém, do que é devido, da proporção, da beleza, da perfeição, uma vez que «nada é belo sem a medida».

«Quem não vê, dizia Pio XII, em que elevado grau Maria realizou em si própria este espírito, e mereceu os louvores devidos à «Mulher Forte»? O seu Magnificat, esse cântico de alegria e confiança invencível no Poder divino, cujas obras começa a realizar, enche-A de santa audácia, de uma força desconhecida da natureza.»

### 3. A via real

Se a discrição é, no dizer de S. Francisco de Sales, citando por sua vez a Santo Antão, a *virtude sem a qual nenhuma virtude é virtude*, Maria, a Rainha de todas as virtudes, teve a discrição em toda a sua pessoa, nas suas obras, nas suas palavras, por todo o longo e duro caminhar da sua peregrinação de Fé nesta terra.

A discrição encontramos-la, sem excepção, na vida e na doutrina de todos os santos e mestres espirituais e não menos se manifesta em todas as épocas da história da Igreja.

Cassiano chama-lhe «*a fonte e raiz de todas as virtudes*». Fórmula magnífica que permanecerá depois e será aceite por S. Bento que por sua vez lhe chamará «*mãe das virtudes*», enquanto que para S. Bernardo ela é «*não tanto uma virtude mas antes a moderadora e defensora das virtudes e ordenadora dos affectos e mestra dos costumes. Se ela está ausente, tudo é vício.*»

S. Boaventura emprega a expressão — *sal da discrição* — e diz que ela era o apanágio de S. Francisco de Assis, mas particularmente em grau heróico da Santíssima Virgem.

Para Richard de Saint-Victor, a discrição é a *virtude sem a qual nada se conquista, nada de perfaç, nada se conserva*. A discrição vela por que seja amado o que é amável. Mais. Entre os múltiplos objectos que merecem ser amados, estabelece uma hierarquia e fixa a justa medida que convém a cada um, tal como o Senhor determinou. A discrição ordena em nós a caridade. Por isso este mesmo autor fala da *ordinata caritas* e do *discretus amor*, que têm a sua máxima expressão no seio mesmo da Santíssima e Beatíssima Trindade.

Outros chamam-lhe a «via real», expressão emprestada à Sagrada Bíblia (Num. 20,17). Ir pela via real significa praticar a discricção, quer dizer, não se desviar nem para a esquerda nem para a direita, não ultrapassar a medida da virtude no sentido do excesso nem no sentido do defeito.

Falta-nos aqui um pequeno esclarecimento que certamente nos trará mais luz sobre o assunto.

Deve causar-nos uma certa estranheza este lugar de honra e primazia dado à discricção através dos tempos na vida espiritual. Hoje, a teologia moral e espiritual liga a discricção à virtude cardeal da prudência. Mas não foi sempre assim. Até ao fim do século XII ninguém falava da prudência. Falava-se unicamente da discricção. Com Santo Tomás de Aquino, verifica-se que discricção e prudência vêm a ser uma única e mesma virtude. São-lhe mesmo atribuídas estas palavras: **«a prudência situa-se no termo da tradição sobre a qual reina a discricção. É herdeira de tudo o que nesta palavra depositaram os mestres espirituais.»** Assim compreendida, já podemos saborear melhor a noção da discricção (entendamos prudência) que Richard de Saint-Victor nos dá, distinguindo nela cinco elementos: a **dijudicatio**, que decide, nos actos, entre o que é lícito ou não o é; a **deliberatio**, que opera a distinção entre o que convém e o que não convém; a **dispositio**, que faz discernir entre o que é conforme com a ordem e o que o não é; **dispensatio** que distingue entre o que é oportuno e o que é inoportuno; a **moderatio** que guarda a devida medida, sem jamais deixar ultrapassar os limites.

#### 4. Qual o papel da discricção na vida espiritual, hoje? ...

Segundo o ensino tradicional, o papel da discricção é introduzir e manter uma justa medida na prática das diver-

sas virtudes e nas múltiplas actividades da nossa vida espiritual.

Permite praticar o desapego sem pessimismo nem frieza, a força sem dureza, a paciência sem estoicismo mas com calma e serenidade, o domínio de si sem destruir a espontaneidade. Faz evitar o concentrar a nossa atenção e as nossas energias sobre uma virtude particular a expensas de uma ou de várias outras. A perfeição exige, com efeito, que as nossas virtudes se equilibrem, que sejam moderadas umas pelas outras para se desenvolverem harmoniosamente. O papel da discrição é enfim de assegurar o equilíbrio das nossas forças físicas, psicológicas e espirituais, sendo como é o organismo natural a base sobre a qual se enxerta o organismo sobrenatural.

A discrição impede-nos de modelar a nossa conduta por tal ou tal pessoa, por este ou aquele santo, dotados de aptidões naturais e sobrenaturais que nós não temos e colocados em circunstâncias diferentes. Imitar os santos é um dever: mas nem tudo o que admiramos neles é imitável. O que importa é imitar as suas virtudes, as suas disposições interiores e não todos os actos exteriores dessas mesmas virtudes.

Daí a riqueza da variedade de fisionomias de santos, na beleza de unidade de uma só santidade em Cristo, o único Santo. Quem não recordará, só para dar um pequeno exemplo, os vários santos que têm o nome de Francisco, e quão distintos eles são uns dos outros?! Um S. Francisco de Assis, um S. Francisco de Sales, um S. Francisco Xavier, um S. Francisco de Paula, um S. Francisco de Bórgia, um S. Francisco Caracciolo, uma Santa Francisca Romana, e vá lá, um Venerável Francisco Libermann e um pequeno Francisco, vidente de Fátima ...

Em suma, para uma grande parte de autores espirituais, a discricção é, juntamente com a perseverança, uma das duas grandes regras da vida espiritual.

### 5. Mais um pouco de luz com Libermann por guia

Senhora do Equilíbrio. Senhora do Bom senso. Senhora de Discricção. Rigorosamente só Ela o foi. Maravilhosa a afirmação do Venerável Padre Libermann quando diz: «*Não há um só santo no céu que não tenha resistido a Deus em nada. Só Maria tem essa glória, por isso Ela é a maravilha das maravilhas*».

Com efeito, Libermann compraz-se em seguir Maria na totalidade do Seu itinerário, desde a Sua Conceição até à Assunção, desde a pureza desta aurora à consumação desta santidade, contemplando nela sobretudo a sua vida interior.

Ora precisamente o que mais parece ter retido a atenção de Libermann são as três antinomias — digamos antes, verdades complementares — do rosto de Maria:

*coexistência nesta criatura  
de uma pequenez e da sua suprema grandeza,  
de uma inactividade apostólica aparente e da sua  
alta participação na redenção dos homens,  
da sua vida no mundo e da sua eminente santidade.*

São, como diz o P. Blanchard, os três paradoxos de existência e da missão Mariais que esclarecem as opções da espiritualidade Libermaniana, digamos Espiritana.

Este espírito flui naturalmente do seu coração para os seus escritos: «*Estamos na verdade se preferimos a vida*

*escondida de Nazaré, se nos mantemos em toda a profundidade da nossa pobreza e do nosso nada. Consentindo neste abatimento, permitimos à graça de Cristo desenvolver em nossas almas todas as suas virtualidades. Fazei como Maria, que, confessando-se a mais humilde e a mais pobre das servas de Deus, se tornou a Esposa do Divino Espírito e a Mãe do Filho.»*

O espírito de equilíbrio de Libermann, bebido no Coração apostólico de Maria está bem patente na atitude prática da sua vida: uma alma ardentemente missionária que não pode entregar-se à acção missionária, o fundador de uma congregação missionária que enviava os seus filhos para regiões inóspitas de Austrália e de África, sem poder segui-los e acompanhá-los nestas terras de evangelização nem tão pouco visitá-los lá onde eles lutavam, sofriam e morriam. Libermann aprendeu com a Virgem Corredentora que, aceitando e oferecendo a sua vida de sacrifício correspondia à sua vocação missionária e realizava-a em plenitude. Deixemo-lo expôr a sua dogmática missionária a um dos seus dirigidos: *«Caríssimo, há duas maneiras de trabalhar na salvação das almas, uma activa e outra passiva. A maneira activa consiste em trabalhar pela sua instrução, e em fazer activamente as outras funções do santo ministério; e a maneira passiva é de sofrer à ordem da vontade de Deus por eles. Pois bem, eu digo-vos que a segunda maneira de trabalhar é infinitamente mais útil que a primeira. Vede o Coração Imaculado de Maria! Quantos sofrimentos Ela teve de suportar pela salvação do mundo! **Maria não foi pregar o Evangelho de seu Filho, mas sofreu em seu Coração, eis o único apostolado de Maria. E não era Ela maior que todos os Apóstolos? E o próprio Jesus que deixou aos Seus apóstolos trabalhos e resultados incomparavelmente mais consideráveis do que Ele mesmo houve por***

*bem fazer, sofreu também pela salvação do mundo e morreu pela salvação do mundo. Vedes portanto que o verdadeiro apostolado consiste nos sofrimentos. Sofrei então em paz e com amor.»*

E vale a pena terminar com uma outra conclusão importante a que Libermann chegou na sua reflexão sobre a discrição e equilíbrio da existência de Maria: é a antinomia aparente entre a perfeição da Mãe de Deus e a sua vida no mundo. Quer dizer que a busca da santidade é compatível com as exigências e as servidões do mundo. Assim ao convidar uma sua sobrinha e afilhada, Maria, a uma devoção especialíssima para com Nossa Senhora, devoção que será o segredo da sua íntima união com Jesus ele sublinha que à imitação de Maria, ela terá de se santificar no meio do mundo». *Vamos, «ma petite mondaine», fica no meio do mundo; aí tens de ser não uma pequena mas uma grande santa ... Maria, nossa Boa Mãe, também viveu no meio do mundo. Por isso não te inquietes: sê boa como Maria o foi. A vida religiosa é sem dúvida feita para facilitar a aquisição das virtudes; mas uma vida santa no meio do mundo não deixa de ter mérito também. Haverá muitas pessoas a viver no meio do mundo que, no dia do juízo, passarão à frente de um grande número de almas formadas nos conventos. Tu serás deste número, minha querida Maria, assim o espero. Este conselho, aliás, já antes havia sido dado a outra sobrinha, Paulina, ao falar-lhe de Nossa Senhora: «Imita o Seu exemplo: Ela viveu no mundo, mas sem jamais participar no seu espírito».*

Quer dizer, Libermann é o pioneiro da santidade dos leigos ao mesmo tempo que é a testemunha heróica e o defensor entusiasta da vida religiosa mais tradicional. Apon-

tando o equilíbrio da Boa Mãe do Céu, ele o demonstrava no seu mesmo proceder.

## 6. Conclusão.

E assim, já são horas de voltarmos ao princípio. Desejosos deste equilíbrio que o espírito de discricção nos traz, por certo que faremos nossa a oração perfeitamente equilibrada do Padre Pio: **«À Vossa misericórdia confio, Senhor, o meu passado; ao Vosso Amor, o meu presente, e à Vossa Providência, o meu futuro.»** E assim guardados pelo Senhor como à pupila dos Seus olhos e cobertos pelas Suas asas, podemos caminhar de tal modo que à humildade não falte a audácia, à bondade, a firmeza, à castidade, a alegria, a amizade e a delicada cortesia, à obediência, a liberdade e a iniciativa, à mortificação, a simplicidade, à pobreza, a jovialidade, à austeridade, a condescendência e compreensão.

Afinal, a Virgem do Equilíbrio e da Discricção é a Virgem Prudentíssima. A ela nos dirigimos, gritando: **Ó Virgem Mãe de Deus e dos homens, concedei-nos o dom do equilíbrio cristão, tão necessário à Igreja e ao mundo de hoje, esse equilíbrio que é fé e esperança, bom senso e rectidão, espírito de iniciativa e prudência, abertura e interioridade, doação total, amor sem reservas.**

P. Olavo Teixeira

# Súplica

---

**Virgem, Doce Mãe,  
Senhora, Mãe dos Homens,  
Mãe das Dores:**

**Venho junto a Ti,  
colocar-Te nas mãos  
a minha vida**

**breve,  
palpitante,  
... em encruzilhada.**

**Não permitas, Mãe,  
que vá para longe  
para onde o Sol não brilha,  
a flor não cresce,  
o Céu não é azul,  
a vida pára,  
... onde há desespero,  
... nada!**

**Maria Helena**

# A VOZ DO PAPA

O Santo Padre previne os fiéis contra as tentações do conformismo, da contestação sistemática, e da busca exclusiva dos fins económicos e imediatos, a qual faz esquecer o primado dos bens espirituais e religiosos.

... Perante as discórdias, a diversidade de pareceres e de tendências, o pluralismo autónomo e arbitrário, hoje presente também entre os católicos propensos a confundi-lo com uma legítima liberdade de opiniões e com uma obrigatória fecundidade de expressões substancialmente unívocas, procuremos não só conservar, mas ainda, favorecer a harmonia de sentimentos, de pensamentos e de acção, que é característica do concerto universal das vozes fiéis, e que por inata necessidade de toda a associação humana e por divina instituição de Jesus Mestre e Pastor, supõe e exige um poder magisterial; sim, exortamo-vos a amar a Igreja que é a assembleia dos crentes, o Corpo místico de Cristo, a promover a sua união, a amar a sua íntima e operante comunhão.

Vede: algumas ideias boas, isoladas do contexto doutrinário e prático da Igreja, tornaram-se perigosas e nocivas: a autocrítica, por exemplo, isto é, o exame de consciência que o cristão deve fazer sobre si mesmo, e que inspirou não pouca literatura destes últimos tempos, transformou-se em contestação habitual, e quase normalmente *para bater não no próprio peito mas no dos outros*, tornando amarga e muitas vezes polémica a convivência, a laboriosidade. Assim a Igreja deixaria de ser ela mesma.

Vede ainda. A agitação da vida moderna colocou em maior evidência as necessidades de categorias imensas de pessoas situadas em nível social inferior: coisa boa é advertir esta anomalia demasiado comum de civilização; mas a ânsia de dar remédio a estas desordens estruturais deu motivo a que se tornassem insanáveis e profundas as divisões e a luta entre as classes, e portanto a que se gerassem novos males e nova infelicidade: a busca, em si obrigatória, dos fins económicos imediatos fez com que também alguns dos nossos esquecessem a busca dos fins superiores da vida humana, com prejuízo do bem global de que ela tem necessidade, do bem moral e religioso, que deve sempre ter a supremacia sobre todo e qualquer outro bem desejável, mais não seja para que se torne possível alcançá-lo e desfrutá-lo

Mais ainda: observai como também no nosso campo, talvez mesmo com as melhores intenções, é fácil a tentação de acertar o passo pelo dos vencedores, de hoje ou de amanhã. Sofrer pela fidelidade seria um compromisso natural, cristão desde o dia do baptismo em diante; mas o conformismo, mesmo se insensato, exerce uma atracção apoiada por numerosas razões e esperanças sedutoras.

E muitas outras formas de inquietação, relativas à adesão, nossa e dos outros, a uma vida cristã forte, íntegra e alegre, tornam fácil para alguns a hipótese de que a famosa e esperada Assembleia (que em Roma se vai debruçar sobre o tema — Evangelização e Promoção humana —) venha a ser causa mais de contraste do que de consensos. Não. Irmãos e Filhos, Aquele que nos chamou, na Igreja de Deus, para a Sua luz admirável, prepara certamente uma ocasião propícia para a renovada plenitude de vida que, para de algum modo nos entendermos, saudamos como a «civilização do amor». (Paulo VI, 20.10.76).

PARA O MÊS DE NOVEMBRO,  
ENQUANTO SE OBSERVA O CAIR DAS FOLHAS...

---

## O Purgatório sobre a terra

*Santa Teresa do Menino Jesus ensina-nos uma admirável doutrina sobre o Purgatório. A isso chegou, perscrutando as profundezas destes versículos da Sagrada Escritura: «A perfeição do amor é que no dia do Juízo tenhamos uma confiança inteira ... No amor não há temor, antes o perfeito amor lança fora o temor, porque o temor pressupõe um castigo. O que teme não é perfeito no amor. Nós portanto amamos a Deus, porque Deus nos amou primeiro.» (I Jo. 4.17-19).*

*A Mestra do pequenino caminho da infância evangélica entrega-nos assim com uma harmoniosa insistência o segredo mais audacioso da sua experiência: qualquer que seja aliás o grau de visão beatífica a que nos chame, Deus não quer positivamente para nenhum de nós as chamas do Purgatório. Ao contrário, Deus quer ver-nos deixar esta pobre terra inteiramente puros e purificados no abandono da criança pródiga e arrependida que, depois de muito simplesmente se ter deixado adormecer nos braços de seus pai, desperta em seguida na luz do céu e se lança sem tardar no eterno abraço do Amor misericordioso.*

*É Deus que não quer para nós o Purgatório. No fim de sua vida Santa Teresinha aclara ainda melhor o seu pensamento: «Eu não queria apanhar uma palha do chão para evitar o purgatório. Tudo o que fiz, fi-lo para dar gosto ao Bom Deus, para lhe salvar almas». Não ir para o purgatório só para «para dar gosto a Deus» (que lá a não queria, como aliás, a nenhum de nós) que pérola preciosa de doutrina! E ficamos desarmados perante a ousadia da nossa Santa, quando ela nos afirma, em consequência, que os sofrimentos do purgatório são sofrimentos «inúteis». Nisso está em perfeito unísono, como em tudo, com o parecer dos teólogos. Todos são unânimes em ensinar: no purgatório, já não se merece, já não se cresce no amor (Denzinger, 778); estes sofrimentos são portanto inúteis sob o ponto de vista que conta em última análise para intensificar a nossa luz de glória: crescer no amor de Cristo. Por outras palavras estes sofrimentos já não são redentores. O tema do nosso julgamento será o amor, mas esse julgamento será feito na tarde desta vida, como nos adverte o Doutor místico, S. João da Cruz.*

*À luz desta doutrina, o que interessa é que consintamos em aceitar o nosso Purgatório sobre a terra. S. João da Cruz, em cujas perspectivas Santa Teresa do Menino Jesus entrou em cheio, põe em paralelo a purificação da alma sobre a terra pelo amor e a purificação da alma no purgatório.*

*«Se há na outra vida, diz ele, um fogo tenebroso e material que purifica os espíritos, há também sobre esta*

terra um fogo cheio de amor tenebroso e espiritual em que a alma expia e se purifica. Só há esta diferença: é que no Purgatório é o fogo que purifica, enquanto que sobre a terra é o amor e só ele que purifica e alumia. Tal é amor que David pedia quando dizia: «Ó Deus, cria em mim um coração puro ... (Ps. 50,12). Porque a pureza do coração não é outra coisa senão o amor e a graça de Deus».

*E o Santo Doutor acrescenta: «Do mesmo modo que os espíritos se purificam naquela morada, a fim de chegarem à clara visão de Deus na outra vida, assim as almas se purificam sobre a terra, a fim de chegarem a transformar-se em Deus por amor».*

*Verdades bem consoladoras para este nosso vale de lágrimas. Oxalá pudéssemos fazer nossas palavras da nossa Teresinha Santa: «Oh! como é doce a via do amor! Sem dúvida que podemos cair, cometer muitas infidelidades, mas o Amor que sabe tirar proveito de tudo, queima tudo o que possa desagradar a Jesus, não deixando mais do que uma humilde e profunda paz no fundo do coração».*

*Tal é o sentido da nossa vida humana, em união com Jesus Crucificado, «vítima de amor misericordioso»: Chegada ao termo da prova da sua peregrinação terrestre, inteiramente purificada na confiança e no amor, a alma terá respondido plenamente ao amor de Deus sobre ela e exercido plenamente o seu ofício de corredentora no seio do Corpo místico e assim deverá ser logo invadida pela luz da glória que a torna capaz de olhar a Deus face a face.*

Com efeito, o instante da nossa morte deve ser, numa confiança sem limites na misericórdia infinita, o momento mesmo da nossa entrada na casa do Pai, onde o nosso lugar está preparado. Tal é a razão de ser da nossa «prova» sobre esta terra.

E, enquanto não chega essa hora, vamos então tomar os nossos irmãos e irmãs do Purgatório ultra terreno como modelos no sofrer para a nossa necessária purificação a que o Espírito nos sujeita cá na terra, a fim de nos tornarmos semelhantes a elas na santidade do sofrer e na perfeita conformidade com a vontade de Deus nosso Pai e Senhor. E por certo que à medida que as purificações nos penetrem até às entranhas da alma, ou da nossa carne viva, logo nascerá ou crescerá em nós o cuidado e o carinho no exercício da caridade para com elas — as Almas do Purgatório, uma vez que as penas são comuns a ambos os purgatórios — o terreno e o supraterrano — ambos eles destinados no mesmo Espírito para purificar e aformosear amigos de Deus.

Bruno da Solidão

## «Atenção a Deus»

---

Segundo Libermann.

### Felicidade na renúncia

Sem dúvida que a abnegação assusta as almas que ainda não saborearam o 'Oh! quão suave é o Senhor', que ainda não experimentaram a leveza do seu jugo, por não se terem ainda submetido plenamente a ele.

A essas almas receosas Libermann fala da sua experiência de felicidade na renúncia unitiva. Três anos após a sua conversão escreve a um dos seus correspondentes: «*Um cristão (...) deve orientar-se apenas pela vontade divina em todas as suas acções (...). Se possível, deveria perguntar-se sempre: 'Nosso S. Jesus Cristo quererá que eu faça isto?' e nunca fazer nada, sem lançar os olhos do seu coração sobre este amável Salvador, para Lhe pedir o Seu parecer. Seria meio infalível de fazer bem todas as acções e de se conservar continuamente na sua santa e amável presença.*

*Oh! meu querido amigo, como seríamos felizes, se estivéssemos habituados a esta santa prática! A nossa vida passar-se-ia nas delícias da caridade divina»<sup>1</sup>.*

Era realmente da felicidade experimentada por si mesmo que Libermann falava. Cerca de um ano depois de ter escrito estas palavras, escrevia as seguintes a um dos seus amigos: *Escreves-me que querias ver-me feliz. Não entendo o que queres dizer com isso. Quererias ver-me rico,*

*de boa saúde, e a não sofrer nada cá em baixo? Infeliz! então querias ver-me no inferno! Oh! meu caro amigo, deixa-me a minha querida pobreza, a minha querida doença<sup>2</sup>, e cem sofrimentos mais; não há nada como os sofrimentos para me tornar semelhante a Nosso S. Jesus Cristo.*

*Se, pois, queres ver-me feliz, vem ver-me, e o teu desejo ficará realizado. Sou cristão; N. Senhor Jesus Cristo morreu por mim e estou como que esmagado pelos seus benefícios e graças; tenho uma migalhinha dos seus sofrimentos e da sua cruz (espero que ainda me há-de dar mais) e não havia de ser feliz! Oh! meu Deus, que será preciso para o ser?»<sup>3</sup>.*

Mas será a vida do homem de renúncia uma vida triste, sem alegria, sem sol, uma vida de misantropo? Responde Libermann a um seminarista em 1835: «Aproveitemos o momentinho que temos a passar na terra, para aprender a amar a Nosso S. Jesus Cristo de todo o nosso coração. Isto, a princípio custa um pouco; mas, desde que seriamente tenhamos posto mãos ao trabalho, temos todas as facilidades que possamos imaginar.

*Não me contentaria com ver-te amar a Deus acima de todas as coisas, se amasses outras coisas fora d'Ele (...). A este respeito perguntar-me-á alguém: 'então como passar as férias?' E eu respondo: 'com muita alegria: com recreios, distracções, jogos, passeios, divertimentos, mas tudo com decência e gravidade e com a preocupação de não perder Deus de vista, pois só Ele deve ser o nosso amor (...). Conheces bem a palavra de Santo Agostinho: 'ama et fac quod vis — ama e faz o que quiseres'»<sup>4</sup>.*

E um mês depois, escrevendo a outro seminarista sobre os efeitos da renúncia total na alma que a ela se entrega, dizia: «As coisas exteriores não a perturbam absolutamente em nada. Conversa com os homens, faz exter-

namente tudo o que os outros fazem: diverte-se, ri, fala continuamente com seus irmãos, passeia (...). No meio de tudo isto, tal alma não deixa de estar inteiramente unida a Deus, porque não se apega a nenhuma destas coisas, nem as faz, de modo algum, para seu próprio prazer (...). O amor de Deus, amor exclusivo, de que tal alma está cheia, é que produz nela estes excelentes resultados, tão dignos da nossa admiração, e que são para ela fonte de graças e bençãos e felicidade inconcebíveis. É um rio de paz e de amor que corre nela, e o Espírito Santo faz nela tão grandes e tão belas coisas, que até os Anjos ficam cheios de alegria e admiração (...).

Não te dá tudo isto o desejo de conseguires estas coisas belas e magníficas? Espero que sim; e mais ainda, pois não duvido de que o bom Deus, na sua misericórdia, quer cumular-te dos seus dons e favores. Costuma concedê-los apenas a um pequeno número de almas escolhidas, que desapega de todas as coisas da terra, para as fazer viver apenas da sua própria vida, que é uma vida de separação, de santidade, de amor (...).

Sê, pois, fiel, meu caríssimo irmão! (...). Age como agiram os santos (...). Eles renunciaram a si mesmos em todas as coisas e não procuravam senão a Deus. Os olhos interiores das suas almas estavam continuamente voltados para Ele; Deus era o único amor do seu coração, o único alimento da sua alma, a força poderosa da sua vontade, e o grande objectivo dos seus desejos (...).

Deus atraiu-te a Si (...). Tu também o tomaste a Ele por tua total herança. Seria a mais rematada loucura deixá-Lo com todas as suas grandezas e riquezas (...). Se formos totalmente d'Ele, possuiremos todos os bens, mesmo os mais inconcebíveis»<sup>5</sup>.

Em carta escrita em 1836 chamava aos caminhos da renúncia 'os caminhos difíceis mas deliciosos do amor a N. Senhor J. Cristo' e acrescentava: «Como nós somos felizes, quando Ele faz todas as delícias do nosso coração! Só então começamos verdadeiramente a viver! (...)».

E continua: «Perguntas-me de onde vem esta abertura de coração e de espírito, de que te falei, àqueles que se dão totalmente a Deus? Provém, muito naturalmente (...) e como que, necessariamente, deste amor perfeito. Um homem que não deseja nada na terra também nada receia; e um homem que nada deseja e nada receia deve necessariamente ter o espírito e o coração numa grande liberdade.

Donde vêm, de facto, as penas e inquietações, as perturbações e embaraços de espírito e de coração, sobretudo naqueles que querem servir a Deus? Vêm de não se darem totalmente a Ele, ou então de não Lhe deixarem totalmente a Ele o cuidado de os fazer progredir espiritualmente (...); querem servir a Deus de tal ou tal modo, e imaginam que podem santificar-se segundo as suas próprias ideias.

O homem de renúncia, pelo contrário, põe-se simplesmente nas mãos de Deus e nunca se procura a si mesmo; assim, o seu coração está sempre numa profunda paz e numa grande liberdade»<sup>6</sup>.

Insiste nesta ideia em carta a outro dos seus correspondentes: «Quando se leva esta vida crucificada, cresce tão fortemente o amor de Deus na alma, que esta acaba por ficar repleta desse amor. Simplesmente nos começos é-se tentado a crer que tal vida é muito dura. Facilmente nos dizemos: 'como poderei eu viver na terra sem me conceder nenhum prazer ou contentamento?'. Enganamo-nos, porém, redondamente; só nisto está a verdadeira felicidade

e esta felicidade é tão grande que ficamos admirados e não podemos conceber como é que o mundo não está cheio de santos, visto haver uma felicidade tão grande em querer e procurar sê-lo (...).

Há ainda uma outra tentação, que é a seguinte: imaginam alguns serem tristes os que querem agir assim, tristes e sombrios, com o espírito sempre constrangido e embaraçado, continuamente perturbados e inquietos. Os que assim falam mostram, pelo facto mesmo, serem frouxos e nunca terem experimentado aquilo que julgam tão mal (...). Ninguém tem o espírito mais livre e menos constrangido, o coração mais alegre, mais franco, mais simples, mais pacífico e mais calmo do que as pessoas que assim se dão totalmente a Deus»<sup>7</sup>.

Não sentem essa felicidade total as pessoas que só a meias se dão a Deus. «Devemos amar a Deus de todo o nosso coração, isto é, com todos os nossos desejos e afeições. E quando é que assim se ama a Deus? Quando se não tem nenhuma afeição nem nenhum desejo fora de Deus (...). Isto parece um pouco duro; mas, (...) enquanto o nosso coração estiver repartido entre Deus e as criaturas, enquanto procurar, ainda que pouco, os prazeres, não pode fazer verdadeiro progresso no santíssimo amor de Deus»<sup>8</sup>

E insiste: «Não te contentes com ser um santo de devoçõezinhas; (...). Tens de caminhar pelo caminho que Nosso Senhor J. Cristo nos traçou com as suas palavras e exemplos e que a SS. Virgem e os Santos seguiram com fidelidade. (...). Temos de renunciar a todo o contentamento próprio, a todo o prazer, não divertindo o coração com bagatelas, mas antes arrancando-o a todo o prazer sensível, a todo o gozo das criaturas, para o aplicar unicamente a Deus e fazê-lo usufruir apenas d'Ele (...).

Qualquer pessoa que tenha renunciado perfeitamente a si mesmo e a todos os contentamentos e alegrias da terra tem a maior facilidade em levar a sua cruz. Essa pessoa alegra-se de todo o coração, quando lhe vêm algumas penas ou humilhações. Não quer escolher nem os sofrimentos nem as coisas penosas; essa escolha deixa-a só a Deus, a quem abandona todas as suas vontades, vontades que afinal já não tem, pois a de Deus, que vive nela, é que a move e a faz agir em tudo. Por conseguinte, essa pessoa está sempre contente e alegre»<sup>9</sup>.

A renúncia é mais fácil, quando total. «É mais fácil renunciar totalmente do que a meias, porque assim a graça de Deus é mais forte e é maior o fervor interior»<sup>10</sup>.

O homem de renúncia torna-se, por assim dizer, onipotente. Comparando tal homem com os Anjos, pergunta Libermann: «Quem pode, de facto, resistir àquele que apenas vê Deus em todas as coisas, àquele cujos olhares estão sempre voltados para Ele, que d'Ele espera tudo e que para nada se baseia em si mesmo?»<sup>11</sup>.

P. AMADEU MARTINS

---

<sup>1</sup> Notes et Documents, I — pág. 134.

<sup>2</sup> Refere-se à terrível epilepsia de que sofria Libermann.

<sup>3</sup> Lettres Spirituelles, I — 17-18

<sup>4</sup> L. Sp. I — 107-108.

<sup>5</sup> L. Sp. I — 123-130.

<sup>6</sup> L. Sp. I — 160-165; N. D. I — 272.

<sup>7</sup> L. Sp. I — 249-250; N. D. I — 271.

<sup>8</sup> L. Sp. I — 107-111.

<sup>9</sup> L. Sp. I — 139-143; N. D. I — 320.

<sup>10</sup> L. Sp. I — 258.

<sup>11</sup> L. Sp. I — 202-206; N. D. I — 325.

## *Eucaristia em Cristo Senhor*

### 4. «Cristo Senhor» na celebração Eucarística

A presença do Ressuscitado é centro de todo o mistério da Celebração Eucarística. O factor da unidade em toda a celebração é esta presença que, exprimindo-se de vários modos ou sinais, dá o verdadeiro sentido à oração eucarística e faz, da Eucaristia, «Memorial» da Paixão, Morte e Ressurreição.

#### UNIDADE DA CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA

Com o Vaticano II, a Igreja instaurou uma grande renovação de todo o seu Ritual Litúrgico. «De acordo com as circunstâncias e necessidades do nosso tempo» (S. C. 4), está concluída tal renovação.

Presentemente, o ritual da Celebração Eucarística é constituído por duas partes: **Liturgia da Palavra** e **Liturgia do Sacrifício**. Na primeira, há uma introdução para se renovar a «Iniciação Cristã» por obra da «Reconciliação», vindo, depois, a Palavra proclamada, explicada e meditada que origina a «resposta» da Fé e conclui na Oração Universal. Na segunda, há também uma introdução, como termo signi-

ficativo do trabalho humano, para se fazer «Memória» do Sacrifício Pascal de Cristo com comunhão e impulso à Missão.

Olhando para este Ritual com duas partes integrantes, temos de recordar o § 56 da S. C.: «Estão intimamente ligadas entre si as duas partes de que se compõe, de algum modo, a Missa — Liturgia da Palavra e Liturgia Eucarística — que formam um só acto de culto».

Conduzidos por esse ensinamento, temos de evitar cair num dualismo em que as duas partes pareçam coexistir sem se tocarem. É o reconhecimento da presença de Cristo resuscitado, em toda a celebração, que ajuda a compreender a sua unidade.

## **PRESENÇA SOB MODOS DIVERSOS**

Essa presença na Eucaristia realiza-se sob modos diversos, como está bem expresso no § 7 da Constituição sob a Sagrada Liturgia: «Cristo está presente no Sacrifício da Missa, tanto na PESSOA DO MINISTRO (Ele que se oferece agora pelo ministério sacerdotal é o mesmo que se ofereceu na Cruz) como e sobretudo sob as ESPECIES EUCARÍSTICAS ... Está presente na SUA PALAVRA, pois é Ele que fala ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura. Está presente, enfim, quando a IGREJA REZA e CANTA ...»

Estes modos ou sinais diversos da presença de Cristo, para serem reconhecidos, exigem uma adequada pedagogia. Não se trata duma presença a ver-se, como por um telescópio, em cada um dos seus modos. Trata-se duma descoberta a fazer-se progressivamente. Cada um dos modos é sempre um «modo sacramental». Os fiéis ou o ministro não

são «outro Cristo», mas são «sacramento» da sua presença. Recusando-se a atender os modos diversos de significar a realidade da sua presença e ficando só na presença sob as «espécies» eucarísticas, corre-se o risco de **coisificar** a «presença real», deixando de lhe descobrir todo o seu dinamismo.

## O RESSUSCITADO NA ORAÇÃO

A oração da Missa não se entende como oração individual e colectiva, mas como **Oração Única de Cristo Senhor**. Não se trata de simplesmente repetir uma oração, feita outrora por Cristo, mas de participar naquela que Ele, hoje mesmo, vive. Estando vivo e presente no mundo hodierno, tem uma oração sempre actual. Ao «**Corpo de Cristo**», Igreja de cada tempo e lugar, pertence actualizar ou completar a sua oração. É o «**Corpo**» e «**membros do Corpo**» que lhe devem dar todas as particularidades concretas. Orar não é acto do tempo, mas oferta da vida, quotidiano da existência vivido na presença de Deus, o conjunto de todos os actos de amor por Deus e pelos irmãos.

Quando o Espírito do Senhor reúne os irmãos, repete-se a oração de Cristo, «**Pai Nosso**» não só porque são as fórmulas mais belas e porque foi Ele quem as ensinou, mas porque é sempre a oração que Ele quer dizer hoje a Seu Pai e, por isso, nos convida a dizê-la consigo. Deste modo, insere-nos, introduz-nos, associa-nos, torna-nos participantes da sua mesma oração filial.

A oração da Missa exige, de cada cristão, o esforço por dar a sua participação consciente e viva, pois não havendo oração dos «**membros do Corpo**» não haverá oração do

«**Corpo**» todo inteiro, ficando Cristo só, sem o «**Corpo**» que exprima e particularise a sua oração.

A Missa não se identifica com uma soma grande de pequenas orações individuais. Para ser «**membro**» de Cristo, é preciso morrer a si mesmo, morrendo até à sua oração individual e, a fim de entrar numa oração mais vasta, tem o seu coração de mergulhar num desejo mais profundo e extenso. Isto não tira o lugar que cabe à oração silenciosa e à oração em voz alta. Também não nega a necessidade de intenções pessoais unidas às da comunidade, pois a «particularidade» de Cristo passa pela particularidade de cada «**membro**».

É a presença de Cristo Senhor que faz compreender todo o significado da oração: unimo-nos à oração de Cristo, somos incorporados n'Ele, e, pela força do Espírito Santo, fazemos um com Ele na Sua presença diante do Pai Eterno!

## **MEMORIAL DA PAIXÃO, MORTE E RESSURREIÇÃO**

A Ressurreição não é simples acto histórico do passado, é acção ainda a realizar-se. Somo o «**Corpo de Cristo**» e, hoje mesmo, participamos da Sua Paixão, Morte e Ressurreição.

«**Memorial**» é categoria bíblica muito antiga, já no livro do Êxodo: «**Conservareis a recordação desse dia, comemorando-o com uma solenidade em honra do Senhor, celebrá-lo-eis como uma instituição perpétua, de geração em geração**» (12, 14). Não se trata de comemoração como a de celebrar uma recordação, uma festa, em honra de acontecimento passado. Eucaristia não está para o Sacrifício de

Cristo como «feriado» em relação a acontecimento histórico passado. Nem, tão pouco, repetição, isto é, voltar a fazer o que já foi feito.

Estritamente falando, «**Memorial**» aplica-se a um acontecimento da História da Salvação. Deus age no mundo e a sua acção manifesta-se nos acontecimentos da História, Ele, porém, não está fechado no espaço e no tempo como as acções dos homens. Deus não criou, facto do passado, cria hoje mesmo o mundo. Hoje mesmo, está salvando o homem por Jesus Cristo.

No Antigo Testamento, o grande «**Memorial**» é o da Páscoa, acontecimento central da História da Salvação. Hoje, no Novo Testamento, a Eucaristia é o **Memorial do Sacrifício de Cristo**, memorial da Sua Paixão, Morte e Ressurreição. Não se trata de re-fazer hoje esse sacrifício, uma vez que ele está eternamente presente no mundo, não só como augusta recordação, mas acção sempre a realizar-se.

Não é actualizar o Sacrifício como se ele precisasse de se tornar actual. O acto de Deus é de todos os dias e, quotidianamente se realiza em nós. Celebrar o **Memorial** é participar, hoje, neste acto sempre vivo e presente. Em cada Eucaristia, Cristo, connosco, por nós e em nós, realiza o mistério da sua Paixão, Morte e Ressurreição. Todos os dias, com Ele, por Ele e n'Ele, morremos e ressuscitamos para glória de Deus Pai, sob a acção do Espírito Santo.

P. JORGE VERÍSSIMO

## NAS PÉGADAS DOS APÓSTOLOS

# ESTE PADRE TINHA DUAS ALMAS

---

por CHRISTINE GARNIER

(Continuação)

E os Padres começam então a seguir com inquietação as diligências do director da Obra, o qual, imperturbável, encomenda aos tipógrafos prospectos, circulares, cartazes.

— Ele vê tudo em grande, demasiado grande, murmuram. É zeloso, sem dúvida, mas temerário!

Temerário!... Assim fora também considerado D. Bosco, o empreendedor optimista, que, «quando tinha um tostão, se empenhava por dois».

E é com um método semelhante que o Padre Brottier atrairá em vinte e cinco anos — ser-he-ão necessários vinte e cinco anos para fazer nascer a catedral de Dakar — duzentos mil benfeitores e reunirá mais de sete milhões.

No seu pequeno rés-do-chão da Rua Grenelle — «Sede da Catedral-Monumento», diz uma placa — recebe muitos visitantes. Fez ape'lo aos ricos e aos pobres: ricos e pobres trazem a sua oferta. Vêm

duques e jardineiros, industriais e pedreiros. Entregam ao Padre Brottier o produto de peditórios feitos nas escolas ou no decurso de um almoço de casamento. Moedas e sobrescritos com dinheiro amontoam-se sobre a mesa de trabalho do missionário. Por vezes, é uma dama idosa quem entra, portadora de uma lança de guerreiro, um pouco ferrugenta:

— Meu sobrinho enviou-me isto de África, há algum tempo. Morreu por lá com as febres, o pobrezinho. Este objecto pode ser útil a V. Rev.ª?

— Evidentemente, minha senhora; essa lança figurará em bom lugar, nas vitrinas da próxima exposição de arte africana!

Por vezes, é uma jovem, rosto cor de amêndoa, enfiada num casaco de pe'es, que tira do dedo um anel:

— Aceite esta pérola, Padre, para a catedral de Dakar...

E o Padre Brottier, sorrindo, cita a esta visitante, bem vestida e perfumada, as palavras de S. Jerónimo,

a propósito de Santa Paula: *Ela depositou o dinheiro naquelas pedras vivas de que S. João diz no seu Apocalipse que compõem a cidade do Grande Rei, diz a Escritura, em outras tantas safiras, esmeraldas, rubis e outras gemas de alto preço.*

Certa manhã, apresenta-se-lhe um velho, traje coçado, chapéu esverdeado pelo uso; debaixo do braço, um volume mal embrulhado em jornais velhos. Com precaução abre o embrulho. Escapam-se maços de notas ... Era o donativo mais generoso, de há semanas atrás.

Assim passam os dias. E, enquanto a'gumas vendedeiras voluntárias oferecem, à porta das igrejas, «a flor de malva da Catedral-Monumento», enquanto de família em família se vai passando o «cartão do alfinete» (cada picadela simboliza uma enxadada), continuam a afluir cartas à Rua Grenelle. Trazem o carimbo do Pas-de-Calais e do Mosa, do Doamé e do Canadá e vêm assinadas por mulheres, que na África perderam o pai, o marido ou algum filho, e oferecem o seu óbulo. A todas responde, o Padre Brottier; assim fará, mais tarde, quando tomar a seu cargo a obra dos Órfãos de Auteuil. E explicará um dia ao Padre Pichon: «Foi Monsenhor Augouard quem me ensinou o valor que podem ter o tinteiro e a caneta. Quando ele

soube que eu estava encarregado de recolher as subscrições para a Catedral de Dakar, deu-me um conselho que eu zelosamente guardei: «Se quer prender os seus benfeitores, subscritores e amigos, agradeça-lhes imediatamente os donativos, ainda que num simples postal!» E eu escrevia ... Cheguei a escrever trinta, cinquenta, cem cartas por dia; às vezes duzentas. Respondi a todas as pessoas que me escreveram, a *todas*, sem uma única excepção. Recebia a oferta de um selo de dez tostões? Dele me servia para a resposta com os respectivos agradecimentos. Bem vê: não há nada como a carta pessoal, que vai ao encontro do correspondente e lhe expõe, no silêncio do gabinete, as razões que temos para o interessar na nossa Obra. Esta forma de agir deu-me sempre perfeito resultado. Considero-a a mais perfeita de todas».

De entre as inúmeras missivas que chegavam ao gabinete da «Catedral-Monumento» e que exigiam ao Padre Brottier tão intenso trabalho epistolar, citemos uma. É assinada por Ernesto Psichari, datada de 1912 — antes, portanto, da sua conversão — e dirigida a Monsenhor Jalabert:

*... Não sei qual o número de muçulmanos que o venerável Padre de Foucauld converteu no Saará*

*Setentrional. Mas estou certo de que ele fez mais para estabelecer o nosso domínio nessa terra do que todos os administradores civis e militares. Seria um belo sonho que todos os oficiais do Saará tivessem alma de missionários. Mas só faremos uma verdadeira política francesa no dia em que, respeitando as tradições dos nossos Berberes, guardarmos fervorosamente as nossas; no dia, enfim, em que os muçulmanos virem em S. Luís de Dakar, quando aí forem, a beleza dos nossos templos e o número de fiéis que aí se dirijam ... Henry Bordeaux indigna-se, e com razão, de que S. Luís tenha a sua mesquita e Dakar não tenha a sua catedral. Para os crentes é, sem dúvida, uma pena, mas é também — e isso é o que mais me preocupa sob o ponto de vista da nossa política indígena — um verdadeiro desprestígio para a nossa raça. Passando ultimamente por Port-Étienne, mostrei a um moiro as belas instalações que aí*

*temos. «Vês, disse-lhe eu, os Moiros são loucos em resistir a um povo tão poderoso como o Francês!» Ficou calado um instante e depois respondeu-me com esta frase inaudita: «Sim!... Vós tendes o reino da Terra, mas nós temos o Reino do Céu!» Eis uma ideia que os moiros não deviam ter, e fomos em parte nós quem lha demos ... Em acto de reparaçào, enviemos as nossas ofertas, modestas, sim, mas fervorosas, para a futura catedral!...*

Uma segunda carta de Psichari, posterior ao seu baptismo, evoca com mais calor «a querida catedral, dominando com sua mole branca esta terra de África e atraindo sobre ela as bênçãos e a protecção de que tanto necessita ...» E acrescenta: «Que belo dia esse em que, do barco que conduz ao desterro, lhe avistemos a flecha vitoriosa!»

(Continua)

---

## Um desabafo do P. Brottier

«O meu sonho, era ter um jornal diário; se eu tivesse um jornal diário nas mãos, resolveria todo o país».

# *Palavras ao Senhor*

*Eu tenho-Te a meu lado e não Te vejo,  
sou como os peregrinos de Emaús!  
Mas basta que Tu soltes um lampejo,  
p'ra que em verdade eu diga: 'Este é Jesus'!*

*Vivo a buscar-Te no maior desejo,  
Vivo, a buscar-Te por atalhos nús ...  
E tenho-Te a meu lado e não Te vejo;  
Sou como os peregrinos de Emaús!*

*Na graça que semeias e derramas,  
meus tristes olhos limpa-mos de escamas  
p'ra que mos cegue todo o Teu fulgor!*

*Pois sendo como sou de argila impura,  
como é que posso erguer-me a essa altura,  
sem que me venhas ajudar, Senhor?!*



**Qual é precisamente a mensagem de Fátima?...  
Creio que poderia resumir-se nestes termos:  
a revelação do Imaculado Coração de Maria ao  
mundo actual.**

**(Palavras de S. Eminência o Senhor Cardeal Patriarca)**